



“Eu ouvi os clamores do meu povo”: o episcopado profético do nordeste brasileiro

“I have heard the cries of my people”:
prophetic bishops of Brazilian northeast

Iraneidson Santos Costa*

Resumo

O artigo se insere no debate acerca do caráter político-ideológico da atuação da Igreja Católica brasileira na segunda metade do século XX, elegendo como foco de estudo a parcela mais combativa do episcopado brasileiro, a Igreja nordestina, mais especificamente um grupo de treze bispos que, por sua intensa participação política, foi objeto central de fervorosas polêmicas, sendo igualmente classificados das mais díspares formas, de comunistas a santos, de pastores a políticos, de verdadeiros a falsos profetas. Signatários do documento “Eu ouvi os clamores do meu povo”, de maio de 1973, talvez as mais radicais declarações publicadas por um grupo de bispos em qualquer parte do mundo, testemunharam em suas vidas, seja pela pregação, pela ação e mesmo pela perseguição, o caráter crítico-utópico do profetismo. Para analisar suas trajetórias, adotamos uma abordagem histórico-teológica, mediante o conceito de “episcopalismo profético” que visa incluir tanto a dimensão sócio-histórica como a ético-teológica, uma vez que, para eles, a responsabilidade evangélica tem prioridade absoluta sobre a diplomacia eclesial e, apesar da apreciação que fazem da sociedade ser política, seus objetivos não o são, posto que motivados pela fé que os anima.

Palavras-chave: Cristianismo de Libertação. Igreja Católica Nordestina. Bispos Proféticos.

Abstract

The article is part of the debate about the political-ideological character of the Brazilian Catholic Church performance in the second half of the twentieth century, having as the focus of study the portion of the more combative Brazilian episcopate, the Northeastern Church, more specifically a group of thirteen bishops who, by their intense political participation, was the central object of fervent controversy, being also ranked in different ways: communists and saints, pastors and politicians, true and false prophets. Signatories of the document “I heard the cries of my people” (may 1973), perhaps the most radical statements ever published, a group of bishops witnessed in their lives, either by preaching, by the action and even persecution, the critical-utopian character of prophecy. To analyze their trajectories, we adopted a historical-theological approach, by the concept of “prophetic episcopate”, which aims to include both the socio-historical as the theological-ethical dimension, since, for them, the evangelic responsibility has absolute priority over the ecclesiastical diplomacy, and, despite making a political appreciation of society, their goals are not, since they are motivated by faith that animates them.

Key Words: Christianity Liberation. Northeastern Catholic Church. Prophetic Bishops.

Artigo recebido em 30 de setembro de 2013 e aprovado em 06 de novembro de 2013.

* Doutor em História. Professor Adjunto II do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. País de origem: Brasil. E-mail: irancosta@terra.com.br

Em homenagem aos quarenta anos de um documento profético

Introdução

Uma das questões mais recorrentes (e polêmicas) da historiografia da Igreja Católica brasileira do século XX consiste no debate em torno da compreensão mais adequada para a sensível mudança de orientação política vivenciada a partir da década de 1950 pela instituição, se não no todo, em boa e representativa parcela, a começar pelo próprio núcleo dirigente, seu episcopado, organizado a partir de 1952 na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). De maneira irônica, a expressão popular “Vá queixar-se ao bispo!”, válida para outras épocas da história nacional, parece ter se transmutado, já que mais e mais foi o próprio bispo quem passou a queixar-se publicamente do sistema econômico e do regime político do país.

Relacionado a esse problema, outro, de caráter mais conceitual, permanece provocando divergência entre os estudiosos das lutas sociais recentes no Brasil: a precisa qualificação destes líderes religiosos do ponto de vista ideológico. Neste caso, a discussão não se restringe ao âmbito acadêmico, espalhando-se para o campo do debate público mais amplo, sobretudo a partir da imprensa (jornal, rádio e TV), mediante a qual os próprios envolvidos (bispos, padres, religiosos e leigos), seus aliados e adversários (nas instituições governamentais ou nos diversos movimentos sociais, sindicatos e partidos) se valem de epítetos os mais diversos para tipificar esta linha de atuação: esquerdista, radical, revolucionária, progressista, reformista (e suas antípodas, naturalmente: moderada, conservadora, reacionária, papista). As abordagens variam: de concepções instrumentais, que interpretam essa mudança como uma adaptação com fins a manter o poder eclesiástico na sociedade, a visões idealistas segundo a quais se trata de uma transformação motivada por razões de ordem religiosa e moral, numa busca de maior fidelidade ao Evangelho. Entre essas duas posturas, uma gama variada de posições recheia o espectro, tornando o uso destes conceitos pouco operacional para a apreciação mais objetiva dos processos históricos.

Esse artigo se insere no debate acerca do caráter político-ideológico da atuação da Igreja Católica brasileira na segunda metade do século XX, elegendo como foco de estudo a parcela mais combativa do episcopado brasileiro, a Igreja nordestina, mais especificamente um grupo de bispos que, por sua intensa participação política, foi objeto central das fervorosas discussões acima mencionadas, sendo igualmente classificados das mais díspares formas, de comunistas a santos, de pastores a políticos, de verdadeiros a falsos profetas. Apesar de terem sofrido de maneira insistente a censura à imprensa promovida pela ditadura, eles seguramente se encontram entre as figuras públicas das quais mais se falou (para louvar como para caluniar) no Brasil deste período¹. Não há dúvida que essa presença arrefeceu nos últimos vinte anos, por conta não apenas da reorientação assumida pela Igreja como pelo próprio desaparecimento desta geração de bispos, dos quais poucos ainda vivem.

1 Episcopalismo Profético

Foi com uma indisfarçável surpresa (e grande despreparo) que a elite política e a imprensa acompanharam o discurso feito por um destes bispos, Dom Manuel Edmilson da Cruz, em dezembro de 2010, no Congresso Nacional. Do alto dos seus 86 anos, e desde 1998, bispo emérito de Limoeiro do Norte (CE), depois de ter sido bispo auxiliar de São Luís (1966-1974), bispo auxiliar de Fortaleza (1974-1994) e bispo de Limoeiro do Norte (1994-1998), Dom Edmilson havia sido agraciado com a Comenda dos Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. Tomo a liberdade de transcrever um trecho da sua breve fala²:

[A condecoração] me faz refletir. [...] Depois de três meses de reivindicações e de greves, os condutores de ônibus do transporte coletivo urbano de Fortaleza, dos cerca de 26% de aumento pretendido, mal conseguiram, e a duras penas, pouco mais de 6% [...] Pois é exatamente neste momento que o Congresso Nacional aprova o aumento de 61% dos honorários de seus Parlamentares [...]. O povo brasileiro, hoje de

¹ Com seu habitual bom humor, Dom Hélder Câmara costumava dizer que, como ele "deixou de existir" durante um tempo do noticiário nacional, gostaria de poder abater da sua idade esse período, de maneira a viver um pouco mais.

² A íntegra do discurso está disponível em vários sites (cf. CEBI, 2010).

concidadãos e concidadãs, ainda os considera Parlamentares? [...] Quem assim procedeu não é parlamentar, é “para lamentar”. [...] E me faz proclamar em pleno Congresso Nacional, como já o fiz em Assembleia Estadual e em Câmara Municipal: quem vota em político corrupto está votando na morte! [...] Sinto-me, primeiro, perplexo; depois, decidido. A condecoração hoje outorgada não representa a pessoa do cearense maior que foi Dom Hélder Câmara. Desfigura-a, porém. Sem ressentimentos e agindo por amor e por respeito a todos os Senhores e Senhoras, pelos quais oro todos os dias, só me resta uma atitude: recusá-la! [...] Se eu a aceitar, estou procedendo contra os Direitos Humanos. Perderia todo o sentido este momento histórico. O aumento a ser ajustado deveria guardar sempre a mesma proporção que o aumento do salário mínimo e da aposentadoria. [...] A atitude que acabo de assumir, assumo-a com humildade. A todos suplico compreensão, e a todos, desejo a paz com os meus sinceros votos e uma oração por um abençoado e Feliz Natal e um Próspero e Feliz Ano Novo! Deus seja bendito para sempre!

A repercussão ultrapassou as fronteiras nacionais, com muitos jornais internacionais dando destaque ao inusitado ocorrido e se perguntando quem seria aquele bispo quase nonagenário. Chamamos a atenção, porém, para um pequeno jornal de Sobral, no Ceará, o *Correio da Semana*, que em sua edição de 4 de janeiro de 2011 noticiava o fato e qualificava o gesto como “profético”. Este, de fato, é um dos termos pelo quais tais bispos foram corriqueiramente designados ao longo das décadas anteriores e que havia caído em desuso. Não se trata, todavia, de uma categoria meramente teológica, como pode parecer à primeira vista, tendo sido discutida e utilizada por estudiosos da Igreja, a começar pela interpretação clássica de Thomas Bruneau (1974). Cientista político de formação, ele confessava não ser especialista em teologia ou história, dirigindo sua análise para a compreensão da Igreja enquanto instituição e focalizando principalmente suas relações políticas e a importância política da mudança. Neste estudo de caso, o primeiro elaborado em termos acadêmicos rigorosos acerca da Igreja Católica brasileira, o estudioso canadense pretendia descrever e explicar a mudança sofrida pela instituição, bem como suas conexões com a sociedade e a política mais amplas.

Apesar de nos distanciarmos desta perspectiva institucionalista, algumas das hipóteses de Bruneau permanecem instigantes. No final da década de 1960 e início da seguinte, quando realizou sua pesquisa de campo no Brasil (mais precisamente em dois momentos, 1967-1968 e 1971), ele já identificava o crescente

reconhecimento da missão profética da Igreja brasileira, não apenas por parte de leigos e padres como também no seio da própria hierarquia episcopal. Sua caracterização dos principais aspectos do profeta é bastante objetiva: 1. Os profetas sustentam que a sociedade deve ser adequadamente ordenada para que os imperativos religiosos de Deus possam ser executados. 2. Embora subjetivamente não tomem partido político, os profetas objetivamente agem de maneira política. 3. Para os profetas, o conteúdo religioso é mais importante do que as formas de manifestação externa. Religião e comportamento éticos são idênticos. 4. Os profetas exprimem as necessidades das massas oprimidas e economicamente exploradas.

Teremos oportunidade ao longo do texto de retomar algumas destas características, de resto elaboradas por Bruneau a partir da literatura clássica sobre profetismo e igualmente testada por ele em seu estudo de caso válido para a década de 1960. Continuariam valendo para as duas décadas seguintes? De todo modo, Bruneau fazia um prognóstico pouco otimista quanto à amplitude desta missão profética, já que, segundo ele, “a instituição no seu todo não pode adotar essa missão, mesmo embora as pessoas dentro dela possam, e, nesse caso, aparentemente, com algum apoio do corpo maior” (BRUNEAU, 1974, p. 403). Nossa abordagem, ao descolar o foco da investigação de um ou outro bispo para um conjunto expressivo deles, considera evidentemente a possibilidade de uma dimensão coletiva desta missão profética, ainda que bastante bem situada espacial e temporalmente.

Escrita dez anos depois, outra análise retomaria a noção de missão profética. Trata-se do trabalho de João Francisco Régis de Moraes (1982), dedicado inteiramente ao pensamento social da CNBB, e que continua sendo, passados trinta anos de sua publicação, uma das poucas (e a melhor, segundo nossa avaliação) interpretações do conjunto do episcopado brasileiro, o que demonstra a carência de estudos mais amplos na historiografia recente da Igreja. Mais bem fundamentada teologicamente, parte da recuperação dos vocábulos semíticos (*nabi*, que significa

“falar, chamar”; e *hozeh*, “aquele que vigia, que vê”) e grego (*profemí*, “falar diante de, falar das coisas desconhecidas”) que designam profeta para ressaltar o caráter crítico-utópico do profetismo. A propósito, questionado pelos repórteres porque não havia simplesmente recusado a Comenda e sequer viajado a Brasília para a solenidade (o que, seguramente, teria evitado o constrangimento dos senadores), Dom Edmilson respondeu, em sua singeleza, que, “se eu não tivesse vindo não haveria o que houve, não haveria uma palavra representando todo o povo brasileiro”. Enfim, para ser profeta, para não “perder o sentido do momento histórico”, havia que “falar diante de”... Com efeito, segundo Moraes (1982, p. 55; 58),

a atitude profética da Hierarquia apresenta a constância que ela pôde ter sem romper o mínimo equilíbrio de forças necessárias à sobrevivência interna da CNBB [...]. À emergência de um profetismo episcopal, opôs-se (principalmente de início) a força de um clericalismo sacerdotal que deve ter tornado polêmica e sofrida a nova instauração de uma Hierarquia capaz de *denunciar e anunciar*.

Como se percebe, ao contrário de Bruneau, ele admite um profetismo mais amplo por parte da Hierarquia, ainda que ressalte a tensão permanente com a dimensão sacerdotal. Trata-se, é claro, da retomada, mais ou menos explícita, da teorização weberiana, em seu triângulo típico-ideal (feiticeiro-sacerdote-profeta), ainda que muitos intérpretes insistam em rebaixá-la a um grau de operacionalização concreta que busca reconhecer nas figuras reais os tipos ideais. Recordemos a definição de Max Weber (1994, p. 303, *itálicos no original*), para quem

o profeta é o portador de um carisma puramente *peçoal*, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma *doutrina* religiosa ou um mandado divino. [...] O decisivo para nós é a vocação “peçoal”. Esta é que distingue o profeta do sacerdote. Primeiro e, sobretudo porque o segundo reclama autoridade por estar a serviço de uma tradição sagrada, e o primeiro, ao contrário, em virtude de sua revelação pessoal ou de seu carisma. Não é casual o fato de que, com pouquíssimas exceções, nenhum profeta procedeu do sacerdócio.

Nossa abordagem considera que uma destas “exceções” históricas se verificou precisamente nesta conjuntura iniciada em meados do século XX, não apenas no Brasil como também em outros países da América Latina, nos quais a figura do Bispo Profético aflorou com igual intensidade, mas seguramente numa quantidade muito menor³. O conceito que melhor define essa particularidade histórica é o de Episcopalismo Profético, proposto pelo historiador belga-brasileiro Eduardo Hoornaert (1991, p. 72): “Caracterização de um período bem recente na história do catolicismo no Brasil, no qual a função pastoral típica do episcopado estava vinculada com o exercício do profetismo”.

Apesar de não formular a questão em termos históricos tão precisos, o teólogo recentemente falecido José Comblin, um dos mais importantes representantes brasileiros da Teologia da Libertação, assumia esse caráter conjuntural do profetismo. Num dos seus últimos livros ele recupera a trajetória de alguns bispos latino-americanos (o salvadoreño Oscar Romero, o equatoriano Leônidas Proaño, os argentinos Enrique Angelelli e Carlos Ponce de Leon, o guatemalteco Juan Girardi, o mexicano Sérgio Arceo e o chileno Manuel Larraín), destacando, no universo episcopal brasileiro, a figura de Dom Hélder Câmara, do qual foi amigo e com o qual colaborou largamente enquanto assessor. Eis o retrato de Dom Hélder, segundo Comblin (2008, p. 224):

Dom Hélder foi uma personalidade múltipla. Foi um profeta, mas também um místico e um poeta. Era um homem totalmente apaixonado pela sua missão. [...] Não vamos apresentar aqui uma biografia de Dom Hélder, mas apenas recordar algumas expressões de sua atuação profética. Esta se estende de 1955 a 1984.

Sem entrar de momento no mérito da procedência ou não do “período profético”, frisamos a admissão da temporalidade da profecia e da articulação íntima da mesma a conjunturas históricas específicas. Aliás, o próprio arcebispo cearense parecia ter consciência disso. Após sua resignação, em 1985, passou a

³ Da vasta literatura latino-americana disponível sobre o tema, destacamos Enrique Dussel (1984), Samuel Silva Gotay (1985) e Michael Löwy (2000).

década e meia que se seguiu recolhido quase ao anonimato, e, já doente, numa de suas últimas conversas, com o monge beneditino Marcelo Barros (2006), foi enfático em pedir, quase suplicar: “Não deixe cair a profecia!”⁴.

A opção pelo conceito histórico-teológico de episcopalismo profético não significa, entretanto, uma recusa ao diálogo com outras opções analíticas. Até porque não apenas a literatura especializada como a cobertura da imprensa recorre seguidamente a outros parâmetros, ainda que muitas vezes de forma imprecisa. A classificação é sempre um problema. Dos historiadores da Igreja Católica, o que enfrentou de maneira mais explícita e crítica esse desafio taxonômico foi o brasileiro da nova geração Kenneth Serbin (2001, p. 57). Após questionar se seria “a dicotomia progressista/conservador uma categoria adequada para a análise da Igreja brasileira?”, decide-se pela inadequação da mesma, sobretudo por conta da flexibilidade da ação dos bispos, do seu duplo papel, enquanto clérigos e políticos, e de seu relacionamento com a ditadura mediada pela dicotomia entre o público e o privado. Mas termina por se render a ela, ainda que com ressalvas a suas limitações: “A dicotomia progressista/conservador é necessária, mas também é, com certeza, insuficiente para entender esses homens [bispos brasileiros] e esse período [a ditadura]” (SERBIN, 2001, p. 434).

No âmbito jornalístico a polêmica não é menor. A cobertura realizada pelo *Pasquim* sobre a III^a Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), ocorrida em Puebla, no México, em 1979, é uma boa demonstração do uso híbrido dessas (e outras tantas) categorias analíticas. Feita pela jornalista Iza Freaza (1979, p. 11), começa posicionando a Igreja brasileira no contexto continental: “Sete dos dez profetas da Nova Igreja (modéstia à parte) são daqui”. Na verdade, eram oito, porque Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), não foi contabilizado como “nosso” por ser espanhol de nascimento. Já os profetas brasileiros eram Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás, Dom Cândido Padin, bispo de Bauru (SP), e

⁴ O episódio foi tão marcante para Barros que ele o rememora, e se emociona, no depoimento prestado ao documentário de Erika Bauer, Dom Hélder Câmara: em busca da profecia, Brasília: Cor Filmes, 2003.

quatro (ou seja, metade) nordestinos, a saber: Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, Dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio Fragoso, bispo de Crateús (CE) e Dom Adriano Hipólito, então bispo de Nova Iguaçu (RJ), mas antigo bispo auxiliar de São Salvador. Completavam a lista os já citados Dom Romero (que, além de profeta, se tornaria mártir no ano seguinte, quando foi assassinado pelo Exército do seu país) e Dom Proaño.

Apesar de discordarmos da amostra elaborada pela jornalista por conta de algumas graves omissões (basta confrontar com a lista de Comblin), ela revela a percepção que se tinha do peso da Igreja brasileira no conjunto latino-americano e, o que nos interessa mais de perto, a elevada representação nordestina. A matéria prosseguia, porém, tematizando as divergências existentes ao interior do Celam, numa deliciosa narração jornalística. O título dessa seção é "Conservadores F. C. contra A. C. Progressistas":

Se o espírito brasileiro pudesse definir Puebla seria através de um jogo de futebol. De um lado, o Progressista Futebol Clube, com jogadores brilhantes, bem preparados tecnicamente, com excelente jogo de cintura e possibilidades de dribles magistrais, caso consigam entrosar a equipe. De outro, os Conservadores Esporte Clube, um time de pernas de pau, sem nenhum jogador de destaque, mas que poderá surpreender por obra e graça do juiz aqui e dos bandeirinhas representados pela Cúria Romana. Aliás, a Cúria já pegou no apito com grande disposição de marcar falta a toda hora dos progressistas. Até mesmo pênalti se necessário. Antes do jogo, o cartolão Wojtyła condena o uso da violência e, dono dos dois times, insinua que prefere um empate. O ponta-esquerda Hélder Câmara, estrela dos progressistas, vai entrar em campo – informam os locutores – sofrendo marcação cerrada de dois dos seus mais fortes adversários: López Trujillo e Luciano Duarte. Chegará ou não ao gol? Tudo depende de sua capacidade de driblar seus marcadores e fazer tabelinhas com Arns e Lorscheider, outros destaques do time progressista. Se depender da torcida aqui organizada e formada por mais de 300 jornalistas, vencem os progressistas. [...]. A grande handicap dos progressistas parece ser o fato de que todos os seus jogadores jogam pela esquerda, deixando a direita livre para os conservadores. Para fortalecer o centro e penetrar pela direita, nada melhor do que Avelar Brandão e Eugênio Salles, imediatamente deslocados. Sem dúvida alguma rendem muito nessas posições, pois que na esquerda criam confusão no esquema tático do próprio time. [...] O jogo continua com lances magistrais dos progressistas que, infelizmente, sofrem faltas a cada vez que se aproximam do gol. Muito lamentada a ausência de Dom Pelé, José Maria Pires, que não foi

nem convocado. [...] Termina o primeiro tempo com nítida vantagem para os progressistas, mas o juiz está atento e os conservadores prometem reagir. Nas arquibancadas, a torcida grita: “Liberdade e Pão/Progressista campeão”! (FREAZA, 1979, p. 12).

Ironias à parte, e relevada, por ignorância da repórter, a injusta desqualificação de figuras conservadoras do gabarito de Dom Eugênio Sales (já arcebispo do Rio de Janeiro) ou Dom Boaventura Kloppenburg (presente em Puebla como perito, já que somente seria consagrado bispo auxiliar de São Salvador três anos depois), era através dessa dicotomia que tanto os aliados quanto os inimigos se referiam às correntes da CNBB. Por inimigos, entenda-se, também, o aparato repressor, como se constata num documento do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, intitulado “Quadro Sinótico: correntes e linhas do Clero”, e que sofisticava um pouco o binômio, dividindo o clero em Conservadores x Reformistas, subdividindo estes últimos em Progressistas x Pastoralistas⁵. Já um relatório secreto elaborado pelo Conselho de Segurança Nacional para seu chefe, Henry Kissinger, no final de 1969, no governo de Richard Nixon, classificava os bispos brasileiros em quatro grupos: Reacionários, Conservadores Moderados, Progressistas e Radicais, afirmando que Conservadores Moderados e Progressistas representavam a maioria e mantinham posições no mais das vezes muito próximas (cf. SERBIN, 2001, p. 105-106).

Em razão de seu enfoque restritivamente político, ao tomar a Igreja como uma mera instituição (que efetivamente o é), tal tipologia acaba por esvaziá-la justamente da dimensão teológica que a diferencia das demais instituições sociais, de modo que as formulações e condutas de seus integrantes (sobretudo os dirigentes) passam a ser consideradas em função tão somente de interesses materiais (que efetivamente existem), sem qualquer motivação de caráter sobrenatural (ou ideal, como preferiria Weber). Apesar de distintas, as classificações acima expostas partilham desta limitação, esbarrando sempre em categorias políticas (conservador versus progressista; moderado versus radical) ou

⁵ Do chefe da ASP/SNI ao Ilmo. Sr. Delegado Chefe do DOPS/SP, Ofício n. V0339E/ASP/SNI/72, São Paulo, 21 dez. 1972. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Caixa 50G/2/931. Sobre a atuação da Igreja progressista a partir da documentação do DOPS, ver Admar Mendes Souza (2009).

ideológicas (reacionário versus revolucionário; liberal versus esquerdista etc.). A ressalva aqui é fundamental: não estamos em hipótese alguma negando a procedência de tais termos em casos pontuais, seja de opiniões, seja de ações, tanto que nós próprios recorreremos a elas, advertindo, todavia, sua aplicabilidade circunscrita.

Tal se dá, por exemplo, ao pretender imputar o epíteto de conservador a Dom Eugênio Sales e Dom Agnelo Rossi: se é verdade que o mesmo se aplica indubitavelmente a diversas posturas por eles tomadas ao longo do período ditatorial, mostra-se, entretanto, francamente inconsistente quando se admite que foram exatamente eles, enquanto bispo de Barra do Piraí (RJ), entre 1956 e 1962, no caso do primeiro, enquanto bispo auxiliar (e depois administrador apostólico) de Natal, entre 1954 e 1964, no caso do segundo, os responsáveis pelas primeiras experiências pastorais que resultariam anos depois na eclosão de um dos fenômenos mais avançados da Igreja Católica latino-americana (não apenas brasileira), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). E antes que se contrargumente um reposicionamento depois de 1964, esclarecemos que ambos continuariam, ainda que de maneira menos enfática, é verdade, apoiando as CEBs, seja na Arquidiocese de São Paulo, à frente da qual o Cardeal Rossi esteve entre 1964 e 1970, seja nas Arquidioceses de São Salvador e do Rio de Janeiro, dirigidas pelo Cardeal Sales entre 1968 e 2001. Em suma, conservadores no campo político, eclesiologicamente avançados... Quem, aliás, explicitou essa questão de maneira exemplar foi o então arcebispo de São Salvador, Dom Avelar Brandão Vilela, ao afirmar em 1973 que “não sou fixista petrificado nem um sonhador utópico. Por isso, os mais avançados não conseguem entender-me suficientemente, nem os conservadores podem contar-me entre os seus” (apud PRANDINI; PETRUCCI; DALE, 1987, p. 168) ⁶.

⁶ Mais recentemente, inclusive este perfil conservador de Dom Eugênio Sales (falecido em 2012) vem sendo matizado, especialmente em virtude de sua discreta (porém firme) atuação em prol de militantes de esquerda perseguidos pelas diversas ditaduras então vigentes no Cone Sul, quando teria abrigado e protegido milhares deles entre os anos de 1976 e 1982. Sobre isso, ver Igreja salvou 5 mil estrangeiros da repressão da Condor no Rio, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 2000, p. 10-12. Para uma tentativa de revisão da postura política de Dom Eugênio Sales, cf. Raimundo Menezes Brasil (1996).

Não propomos o abandono das tipologias, o que de resto comprometeria bastante o exercício de análises comparativas acerca da atuação da Igreja Católica em seu conjunto, apenas a ampliação do seu escopo, de maneira a incluir tanto a dimensão sócio-histórica (afinal de contas, ela é sempre uma Igreja que age “no mundo”) quanto a ético-teológica (pois seus membros consideram que o fim último de sua existência está “para além do mundo”), enfim, uma classificação histórico-teológica.

Assim, seguimos aqui a categorização originalmente proposta pelo pesquisador (e padre) Charles Antoine e retomada recentemente pelo historiador (confesso simpatizante do Catolicismo) Jean Meyer, segundo a qual seria possível distinguir quatro correntes de bispos: os Integristas, os Clericais, os Pastorais e os Proféticos⁷. Os Bispos Integristas se caracterizam por defender a Civilização Ocidental contra as subversões de toda ordem (o marxismo em primeiro lugar), o que, não raro, os leva a apoiar os regimes ditatoriais. Constituem uma corrente numericamente minoritária, ainda que bastante influente e poderosa. Respondendo por parcela considerável do episcopado, enquanto os Bispos Clericais priorizam a instituição eclesiástica em sua esfera jurídica, os Bispos Pastorais relevam o aspecto eminentemente teológico, percebendo antes o corpo de fiéis, a Igreja enquanto Povo de Deus. Com relação ao Estado, tanto Clericais quanto Pastorais tendem a apoiar os governos, ainda que os últimos estejam dispostos a colocar em risco a estabilidade institucional em nome da justiça, caso avaliem que a mesma se encontra ameaçada por um regime político específico. Por fim, os Bispos Proféticos

estimam que sua responsabilidade evangélica tem prioridade absoluta sobre a diplomacia eclesiástica. Procedem a uma análise da sociedade que coincide com as conclusões dos políticos de oposição. Porém, seu comportamento pretende estar motivado pela fé que os anima. Se sua análise é também política, seu objetivo não o é (MEYER, 1999, p. 317).

⁷ Na classificação sugerida por Charles Antoine (1979) por ocasião da Conferência de Puebla, a segunda categoria é intitulada de “Jurídicos”, por nós substituída por “Clericais”, sem perda de seu sentido original, apenas para nos mantermos fiéis a uma concepção ao mesmo tempo histórica e teológica.

2 Conversão e Pregação dos Bispos Proféticos Nordestinos

Poucas gerações foram tão afins ao conceito de Episcopalismo Profético quanto a dos bispos nordestinos da segunda metade do século XX. Para efeito de demonstração, priorizamos neste artigo um grupo específico destes bispos, os signatários do documento “Eu ouvi os clamores do meu povo”, de 6 de maio de 1973⁸. A historiografia da Igreja Católica não hesita em reconhecer neles “as declarações mais radicais jamais publicadas por um grupo de bispos em qualquer parte do mundo” (LÖWY, 2000, p. 145), na medida em que denunciava, com base em estatísticas fornecidas pelos próprios órgãos oficiais, a realidade de miséria vivenciada pelos homens e mulheres nordestinos em termos de renda, trabalho, alimentação, habitação, educação e saúde. Trazia, ademais, uma incisiva crítica ao alardeado “milagre”, desmascarado como “a maior ofensiva da história brasileira em favor da penetração de capitais estrangeiros”, terminando por concluir que

o presente modelo de crescimento econômico, de resultados inúteis para a classe dos trabalhadores e oprimidos, visa desviar o nosso povo dos verdadeiros objetivos globais de transformação da sociedade. O processo histórico da sociedade de classe e a dominação capitalista conduzem fatalmente ao confronto das classes (...). A classe dominada não tem outra saída para se libertar, senão através da longa e difícil caminhada, já em curso, em favor da propriedade social dos meios de produção (...). O Evangelho nos conclama, a todos os cristãos e homens de boa vontade, a um engajamento na sua corrente profética (BISPOS e Superiores Religiosos do Nordeste, 1973, p. 59).

Ademais do seu conteúdo, em si mesmo arrojado, por partir de uma prévia interpretação sociológica da realidade e substituir a perspectiva do “desenvolvimento” pela da “libertação”, chamava a atenção por sua natureza. Pela primeira vez uma declaração eclesiástica oficial recusava dirigir-se aos poderosos,

⁸ Para a relação dos treze bispos signatários, ver quadro adiante. Além deles, assinaram ainda o documento cinco superiores religiosos nordestinos, a saber, os Provinciais Jesuítas do Nordeste (padre Hidenburgo Santana, SJ) e da Bahia (padre Tarcísio Botturi, SJ), o Provincial dos Franciscanos do Recife (frei Walfrido Mohn, OFM), o Provincial dos Redentoristas do Recife (padre Gabriel Hofstede, CSSR) e o abade do Mosteiro de São Bento da Bahia (frei Timóteo Amoroso Anastácio, OSB), cujas trajetórias não serão objeto de análise deste artigo por escaparem ao conceito de episcopalismo profético, não necessariamente da atuação profética, sobretudo no caso do abade beneditino.

escolhendo conscientemente os setores populares como seus destinatários, num reconhecimento, “mesmo que parcial, de toda uma caminhada de comunidades populares e agentes de pastoral vivendo e testemunhando uma situação social gritante e exigindo uma mudança radical da Igreja” (PERANI, 1984, p. 60). Não à toa, um dos grandes pastoralistas brasileiros, o teólogo jesuíta João Batista Libânio (1982, p. 112), considera este documento como a inauguração da linha de pastoral libertadora.

De modo a facilitar a reflexão, construímos na página seguinte, um quadro que traz a trajetória sumária dos Bispos Proféticos Nordestinos⁹. Para tanto, nos valem de uma série de referências: para os dois bispos vivos (ou seja, dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba desde 1995, residindo atualmente em Belo Horizonte, e o nosso já conhecido “bispo polêmico”, dom Manuel Edmilson da Cruz, emérito de Limoeiro do Norte desde 1998, vivendo em Fortaleza), o site da própria CNBB, em seu “Índice de Bispos e Dioceses”, bem como as diversas edições de seus Diretórios Litúrgicos. Para os bispos conciliares, ou seja, aqueles que participaram de ao menos uma das sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II, a monumental obra de José Oscar Beozzo (2001). Para o grupo como um todo, o site do The Hierarchy of the Catholic Church¹⁰. Por fim, para completar uma e outra informação, recorreremos a uma literatura variada, cuja extensão inviabiliza a citação completa aqui.

⁹ Evidentemente, o critério para definir a “nordestinidade” não é de nascimento, mas de exercício do múnus episcopal, daí porque dom José Maria Pires, mineiro de Córregos, está nesse grupo, na medida em que foi por quase trinta anos (1966-1995) arcebispo da Paraíba. De qualquer modo, a grande maioria deles (70%) também era nordestina por naturalidade, sendo quatro cearenses, três pernambucanos e dois paraibanos.

¹⁰ Cf. <http://www.catholic-hierarchy.org>.

Tabela 1 - Trajetória Sumária dos Bispos Proféticos Nordestinos

Bispo	Formação	Carreira Episcopal	Atuação Eclesial
Antônio Batista Fragoso Teixeira (PB) 10/12/1920 † 12/8/2006	Fil./Teol.: João Pessoa (1934-44); Ord.: 2/7/1944; Cons.: 30/5/1957.	Bispo auxiliar de São Luís (1957-64), bispo de Crateús (CE) (1964-98), bispo emérito de Crateús (CE) (1998-2006).	COC de João Pessoa (1945-57); JOC do Nordeste (1950-57); Missionários do Campo; Serviço Paz e Justiça na América Latina.
Francisco Austregésilo de Mesquita Filho Reriutaba (CE) 3/4/1924 † 7/10/2006	Fil./Teol.: Fortaleza (1946-51); Ord.: 8/12/1951; Cons.: 24/8/1961	Bispo de Afogados da Ingazeira (PE) (1961-2001), bispo emérito de Afogados da Ingazeira (PE). (2001-6)	Pastoral Rural (1985-88) da CNBB Regional NE 2; AC de Sobral (CE) (1952-55); Missionários do Campo.
Francisco Hélio Campos Quixeramobim (CE) 24/7/1912 † 23/1/1975	Fil./Teol.: Fortaleza (1931-7); Ord.: 5/8/1937; Cons.: 6/7/1969.	Bispo de Viana (MA) (1969-75)	JMC e Federação de COCs de Fortaleza (1959-69).
Hélder Pessoa Câmara Fortaleza (CE) 7/2/1909 † 27/8/1999	Fil./Teol.: Fortaleza (1923-31) Ord.: 15/8/1931 Cons.: 20/4/1952.	Bispo auxiliar do Rio de Janeiro (1952-64), arcebispo de Olinda e Recife (1964-85), arcebispo emérito de Olinda e Recife (1985-99).	JOC do Ceará (1931); AC Nacional (1952-62); CJP (1979) (Recife); Movimento de Não-Violência.
João José da Mota e Albuquerque Recife (PE) 27/3/1913 † 12/9/1987	Fil./Teol.: Olinda (1928-34) Ord.: 28/4/1935 Cons.: 28/4/1957.	Bispo de Afogados da Ingazeira (PE) (1957-61), bispo de Sobral (CE) (1961-64), arcebispo de São Luís (1964-84), arcebispo emérito de São Luís (1984-87).	Programa de alfabetização de adultos na zona rural de Afogados de Ingazeira (PE).
José Brandão de Castro, CSSR Rio Espera (MG) 24/5/1919 † 23/12/1999	Fil./Teol.: Alfonsinianum (São Paulo) (1939-44) Ord.: 6/1/1944; Cons.: 21/9/1960.	Bispo de Propriá (SE) (1960-1987), bispo emérito de Propriá (SE) (1987-99).	CPT (BA/SE); criador do CDH de Propriá (SE); MEB.
José Lamartine Soares Bezerros (PE) 27/2/1927 † 18/8/1985	Fil.: Olinda (1945-6); Teol.: Gregoriana (Roma) (1946-50); Ord.: 29/10/1950; Cons.: 3/3/1963.	Bispo auxiliar de Olinda e Recife (1963-85), arcebispo nomeado de Maceió (1985).	AC e JECF de Recife (1951-57); vice-assistente nacional da AC Nacional (1957-62).
José Maria Pires Córregos (MG) 15/03/1919	Fil./Teol.: Diamantina (MG) (1936-41) Ord.: 20/12/1941 Cons.: 22/9/1957.	Bispo de Araçuaí (MG) (1957-65); arcebispo da Paraíba (1966-95), arcebispo emérito da Paraíba. (1995-)	JIC; MEB Nacional; CEBs; CPO Nacional (1981-82); CPT; Missionários do Campo.
Manuel Edmilson da Cruz Acará (CE) 3/10/1924	Fil./Teol.: Fortaleza (1943-48); Ord.: 5/12/1948; Cons.: 6/11/1966.	Bispo auxiliar de São Luís (1966-74), bispo auxiliar de Fortaleza (1974-94), bispo de Limoeiro do Norte (CE) (1994-8), bispo emérito de Limoeiro do Norte (1998-)	CEBs; ECC do Ceará; CJP do Brasil.

Bispo	Formação	Carreira Episcopal	Atuação Eclesial
Manuel Pereira da Costa Pocinhos (PB) 12/9/1915 † 25/7/2006	Fil.: São Paulo (1934-36); Tomás de Aquino (Roma) (1938-9); Teol.: Gregoriana (Roma) (1937-40); Ord.: 23/3/1940; Cons.: 15/8/1954.	Bispo auxiliar da Paraíba (1954-59), bispo de Nazaré (PE) (1959-62), bispo de Campina Grande (PB) (1962-81), bispo emérito de Campina Grande (PB) (1981-2006).	AC de João Pessoa.
Pascàcio Rettler, frei OFM Merklinde (Alemanha) 26/1/1915 † 16/9/2004	Fil.: Rodeio (SC); Curitiba (1938-40); Teol.: Petrópolis (RJ) (1941-44); Ord.: 29/11/1942; Cons.: 12/9/1968.	Bispo de Bacabal (MA) (1968-90), bispo emérito de Bacabal (MA) (1990-2004).	Missões Populares.
Rino Carlesi, MCCI Montemurlo (Itália) 11/8/1922 † 25/8/1999	Fil./Teol.: (?-1947) Ord.: 31/5/1947 Cons.: 2/4/1967.	Prelado de Santo Antônio de Balsas (MA) (1967-81), bispo de Balsas (MA) (1981-98), bispo emérito de Balsas (MA) (1998-99).	Missões Populares
Severino Mariano de Aguiar Orobó (PE) 14/8/1903 † 7/5/1995	Fil.: Olinda (1919-21); Teol.: Olinda; São Leopoldo (RS) (1922-8); Ord.: 23/9/1928; Cons.: 31/3/1957.	Bispo de Pesqueira (PE) (1957-80), bispo emérito de Pesqueira (PE) (1980-95)	MEB de Pesqueira (PE)

Legenda: AC: Ação Católica; CDH: Centro de Direitos Humanos; CEBs: Comunidades Eclesiais de Base; CJP: Comissão de Justiça e Paz; COC: Círculo Operário Católico; Cons.: Consagração; CPO: Comissão Pastoral Operária; CPT: Comissão Pastoral da Terra; ECC: Encontro de Casais com Cristo Fil.: Filosofia; JECF: Juventude Estudantil Católica Feminina; JIC: Juventude Independente Católica; JMC: Juventude Masculina Católica; JOC: Juventude Operária Católica; MEB: Movimento de Educação de Base; Ord.: Ordenação; Teol.: Teologia.

Fonte: CNBB; BEOZZO (2001); THE HIERARCHY OF THE CATHOLIC CHURCH (2012).

Pretendemos, portanto, apresentar de maneira sucinta a trajetória deste grupo de Bispos Proféticos nordestinos, compreendidos numa dimensão coletiva, a partir de dois aspectos fundamentais: (1) *Conversão* (momento crucial na inflexão profética) e (2) *Pregação* (através dos seus documentos coletivos)¹¹. Na definição destes eixos balizadores seguimos de perto as ponderações de Márcio Moreira Alves (1979, p. 63-69), crítico ácido das “análises voluntaristas e imprecisas” acerca do episcopado brasileiro,

¹¹ Outros dois aspectos são igualmente determinantes na apreciação destas trajetórias, a *Ação* (seja junto a grupos da Ação Católica, das Pastorais Sociais ou dos movimentos sociais em geral) e a *Perseguição* (já que boa parte deles foi vítima do anticomunismo). No entanto, o seu devido tratamento excede os limites deste artigo, o que faremos num trabalho posterior.

generalizações que escondem mais do que explicam, [...] [pois] nenhuma é baseada em observações rigorosas, na exegese das declarações dos bispos que dizem respeito aos problemas do país, no seu comportamento de classe, ou na contraposição de ideias.

Um momento decisivo na legitimação de um profeta é, sem dúvida alguma, o Chamado, a Conversão: “O mandato que o profeta recebe é essencial; via de regra, há ‘chamado’ distinto. O mandato pode ser limitado, e nesse caso também o será a autoridade concomitante” (WACH, 1990, p. 416). Por outro lado, com a conversão instaura-se um “novo universo significativo”, no dizer de Rubem Alves (1984, p. 131). Inspiramo-nos aqui na intuição de José de Souza Martins (1994), ao considerar as “conversões” (“voltar-se para”) de religiosos e leigos de forma coletiva, enquanto movimento de Igreja, e não como um processo individual.

Dentre os bispos proféticos nordestinos o caso mais célebre é a transmutação de Dom Hélder Câmara (1966), integralista em seus primeiros anos: “Tive, na juventude (pecados da mocidade!), rápida experiência político-partidária, da qual Deus me livrou de maneira total”. Outro sinal de conversão recorrente entre eles será a recusa à dignidade nobre dos palácios episcopais, como o fizeram o mesmo dom Hélder, que foi morar numa pequena residência, além de dom José Maria Pires, que trocou o conforto do Palácio Episcopal, na Praça Dom Aduato, pela modesta Casa Paroquial nos fundos da Matriz de Nossa Senhora das Neves.

Todavia, para não perder de vista a proposta de José de Souza Martins, há que inserir tais conversões nos conflitos sociais vivenciados pelos bispos, a exemplo da experiência vivenciada por dom José Brandão de Castro, bispo de Propriá (SE) entre 1960 e 1987, por conta do episódio da Fazenda Betume, em 1974, quando 450 famílias que moravam no local há várias gerações foram proibidas pela Companhia de Desenvolvimento do Vale de São Francisco (Codevasf) de continuar caçando, cortando lenha, coletando etc. De acordo com seu relato, a atuação anterior era paternalista: “Eu fazia por eles, eu ia conversar com as autoridades mesmo sem primeiro escutar os pecadores, querendo resolver as coisas na cúpula: uma coisa completamente errada. [...]” (apud FRANÇA, 2004, p. 98-99). Uma vez convertido,

ele afirma: “Esse foi o grande apelo que tive, e ao qual quero ser fiel até o fim” (FRANÇA, 2004, p. 98-99).

Por sua vez, como nos ensinou Weber (1994, p. 307), é próprio dos profetas a efetiva prédica emocional, seja oral ou na forma de panfletos, que “estão sempre mais próximos dos demagogos ou dos publicistas políticos do que do ‘afazer’ de um mestre”. Com isso, adentramos no segundo aspecto selecionado, a Pregação. Retomando a noção tão adequada a este grupo de prelados, o profeta está sempre presente onde “há a anunciação de uma verdade religiosa de salvação em virtude da revelação pessoal. Esta constitui, para nós, a característica decisiva do profeta” (WEBER, 1994, p. 307). Uma vez que não é um adivinho, a preocupação do profeta não é predizer o futuro e sim pregar: “Ele fala, portanto, conforme a necessidade do seu povo” (BOUZON, 2002, p. 41), anunciando sua mensagem “dentro de uma situação histórica bem concreta” (ZILLES, 1973, p. 172).

Priorizamos a interpretação das mensagens contidas nos documentos coletivos dos bispos, mais do que em suas Cartas Pastorais, na medida em que aquelas permitem apreender de maneira mais apurada a dimensão coletiva de suas concepções. Como postula Bruneau (1974, p. 144),

foi também no Nordeste que a Igreja reagiu primeiro e mais positivamente às ameaças. Os manifestos dos bispos, nesse período, são ilustrativos. Os mais progressistas surgiram no Nordeste (os de Natal) em 1951 e Campina Grande em 1956 e, de novo, em Natal, em 1959. Houve poucos manifestos semelhantes no resto do Brasil, e só muito mais tarde

É verdade que os documentos dos anos 1950, em que pese sua contundência e relevância, estavam marcados pela perspectiva reformista e de colaboração com o Estado nacional-desenvolvimentista própria da primeira fase da CNBB, cujo fruto mais expressivo foi justamente a fundação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959, após os encontros supracitados entre grupos da Igreja (bispos, padres e assessores) e do governo (políticos e técnicos). Espírito bastante distinto se depreende do “Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre”, documento redigido por um grupo de padres

participantes do Concílio Vaticano II no dia 16 de novembro de 1965, pouco antes da conclusão do Concílio. Por este documento de treze itens, firmado na Catacumba de Domitila, em Roma, eles se comprometeram a levar uma vida de pobreza, rejeitar todos os privilégios e símbolos de poder (trocando a cruz de metal pelo anel de madeira e renunciando às insígnias episcopais, por exemplo) e colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral (cf. PACTO das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre, 1966). Entre os quarenta padres signatários, nada menos que quatro fazem parte do grupo de bispos proféticos nordestinos: Antônio Frágoso, Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, Hélder Câmara e José Maria Pires.

Nos anos seguintes, dois manifestos – dos Bispos do Nordeste, em 1966, e dos Bispos do Terceiro Mundo, em 1968 – revelariam como o profetismo deve ser compreendido: antes como processo que evento. Divulgado em 14 de julho de 1966 pelo Regional Nordeste 2 da CNBB (CNBB Regional NE 2)¹², o Manifesto dos Bispos do Nordeste teve como finalidade precípua sair em defesa de um documento lançado quatro meses antes pela Ação Católica Operária (ACO) do Nordeste, no qual se denunciava com palavras fortes a situação de desprezo, perseguição e exploração da classe operária. Contudo, o tom predominante adotado pelos quinze bispos, dos quais seis proféticos (Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, Hélder Câmara, José Maria Pires, José Lamartine Soares, Manuel Pereira da Costa e Severino Aguiar), foi de conciliação. Insistindo que a Igreja, Mãe e Mestra, “não toma posição contra ninguém”, deplorou as injustiças cometidas contra os trabalhadores, mas recomendou a união de todos para a resolução dos graves problemas sociais e políticos então vivenciados:

Conclamamos as autoridades e os homens de empresas a empregarem suas energias e seus recursos na criação de novas fontes de promoção social. [...] [Ao mesmo tempo], lembramos a todos os trabalhadores que, defendendo seus direitos, não esqueçam, em nenhuma circunstância, seus deveres para com o trabalho e se esforcem para se tornarem sempre mais conscienciosos e eficientes na execução de suas tarefas profissionais (MANIFESTO dos Bispos do Nordeste, 1983, p. 20).

¹² A CNBB Regional NE 2 inclui os Estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Nordeste, com sede em Recife. O mais completo estudo sobre esta parcela específica da Igreja nordestina é a tese do professor Newton Darwin de Andrade Cabral (2001).

Por seu turno, o aparecimento, em março de 1967, da *Populorum Progressio*, a mais importante encíclica social do papa Paulo VI, motivou a publicação de outro Manifesto, agora por parte de um coletivo bem mais amplo, que incluiu dezessete bispos de diversos países da África (Argélia e Egito), América Latina (Brasil e Colômbia), Ásia (China, Indonésia, Laos e Líbano), Leste Europeu (Iugoslávia) e Oceania. Uma vez mais capitaneado por dom Hélder Câmara, o “Manifesto dos Bispos do Terceiro Mundo”, datado de 15 de agosto daquele ano, trazia nada menos que cinco (ou seja, 30% do total) bispos proféticos nordestinos (além de dom Hélder, Antônio Fragoso, Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, Manuel Pereira da Costa e Severino Aguiar), defendendo uma postura bem mais radical:

Tomando consciência de certas necessidades para alguns progressos materiais, a Igreja, há um século, tolerou o capitalismo com o empréstimo a interesse legal e seus outros usos conformes à moral dos profetas e do Evangelho. Mas ela só pode alegrar-se vendo aparecer, na Humanidade, um outro sistema social menos afastado dessa moral. [...] Os cristãos têm o dever de mostrar que o verdadeiro “socialismo” é o cristianismo integralmente vivido, a justa divisão dos bens e a igualdade fundamental de todos. Longe de aborrecê-lo, saibamos aderir a ele com alegria, como uma forma de vida social melhor adaptada a nosso tempo e mais conforme ao espírito dos Evangelhos. Evitaremos, assim, que alguns confundam Deus e a religião com os opressores do mundo, dos pobres e dos trabalhadores, que são, com efeito, o feudalismo, o capitalismo e o imperialismo (MANIFESTO dos Bispos do Terceiro Mundo, 1968, p. 210).

Conclusão

Seis anos depois do manifesto terceiromundista, alguns destes bispos produziram o mais contundente dos clamores. Quarenta anos passados, causa-nos espécie o silêncio quase completo em torno de um documento que resume, junto com outros da mesma época, o profetismo episcopal brasileiro¹³. Uma das explicações para este fato reside na temporalidade mesma do profetismo e sua

¹³ É importante recordar que não se tratou de uma “voz que clama no deserto” (Mateus 3,3). No mesmo dia, os bispos do Centro-Oeste lançaram “Marginalização de um povo: grito das Igrejas” (Goiânia, 6 mai. 1973). Meses depois foi a vez dos bispos e missionários do Extremo-Oeste, com o seu “Y-Juca-Pirama. O índio: aquele que deve morrer” (25 dez. 1973). Por fim, dois anos mais tarde, o episcopado paulista se pronunciou através de um corajoso documento intitulado “Não oprimas teu irmão” (Itaici, 30 out. 1975).

conexão estreita com conjunturas históricas singulares como tivemos oportunidade de discutir ao longo do texto. De qualquer maneira, ficam alguns questionamentos acerca do momento que vivemos, não apenas para proceder a um balanço criterioso das experiências libertadoras das gerações anteriores, como também, e, sobretudo, na perspectiva de projeções futuras: para onde apontam as *conversões* dos cristãos das últimas décadas? Qual o sentido das *pregações* hoje hegemônicas? Quem são, enfim, os profetas dos nossos dias?

Concluimos, portanto, com as palavras do sociólogo e educador Alder Júlio Calado, nordestino de Pesqueira (PE) e atualmente professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (Fafica), que insiste em perscrutar nos documentos do passado sinais capazes de nos guiar com eficiência no presente:

Como ficar indiferentes à contundência profética de um documento escrito no auge do período ditatorial por figuras da hierarquia da própria Igreja? Dificilmente se tem notícia de um escrito tão impactante, da autoria de bispos e religiosos católicos! Se hoje, em plena “democracia”, estamos longe de escutar/ler denúncias desse gênero, feitas por leigos e leigas, o que dizer em relação a figuras da hierarquia, em um período tão fechado? Há de se lembrar, com profunda reverência e gratidão, esse legado de um episcopado nordestino (e de outras regiões) com um compromisso e com um testemunho profético-pastoral exemplar. Gente conduzida pelo Espírito de Liberdade, a nos inspirar hoje, bem como as próximas gerações (CALADO, 2013).

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira. **Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, 1984.

ANTOINE, Charles. Un évènement à suivre: la Conférence de Puebla. **Études**, Paris, v. 351, n. 2-3, p. 249-261, ago./set. 1979.

BARROS, Marcelo. **Dom Hélder Câmara: profeta para os nossos dias**. Goiás: Rede da Paz, 2006.

BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. 2001. 436f. Tese (Doutorado em História Social). USP, São Paulo.

BISPOS e Superiores Religiosos do Nordeste. Eu ouvi os clamores do meu povo (6 mai. 1973). **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 27, p. 37-60, out. 1973.

BOUZON Emanuel. O Profetismo no Antigo Oriente e no Antigo Testamento. In: BINGEMER, Maria Cara; YUNES, Eliana (Org.). **Profetas e profecias numa visão interdisciplinar e contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL, Raimundo Menezes. **Homenagem ao Pastor**: cinquenta anos de serviço à Igreja. Rio de Janeiro: Forense, 1996.

BRUNEAU, Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Báculos no meio dos caminhos**: modelos eclesiais em conflito no Regional Nordeste 2 (1965-1990). 2001. 372f. Tese (Doutorado em História). UFPE, Recife.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **“Eu ouvi os clamores do meu povo”**: um documento profético publicado no auge da ditadura empresarial-militar, no Brasil. João Pessoa, 9 fev. 2013. Disponível em: <<http://kairosnostambemsomosigreja.wordpress.com>>. Acesso em 11 out. 2012.

CÂMARA, Hélder Pessoa. Resposta a Gilberto Freyre. **Paz e Terra**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 269-272, set. 1966.

CEBI. Centro de Estudos Bíblicos. Bispo emérito de Limoeiro do Norte recusa homenagem do Senado. 22 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=1¬iciaId=1673>>. Acesso em 23 dez. 2010.

CIRANO, Marcos (org.). **Os caminhos de Dom Hélder**: perseguições e censura (1964-1980). Recife: Guararapes, 1983.

COMBLIN, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

DOM HÉLDER – Em busca da profecia. Direção Erika Bauer. Produção executiva Andréa Glória. Ator: Pedro Domingues. Narração: Murilo Grossi. Documentário. Brasília: Cor filmes, 2003. 1 DVD (52 minutos), son., color.

DUSSEL, Enrique. **Caminhos de Libertação Latino-Americana**. 3 tomos. São Paulo: Paulinas, 1984.

FRANÇA, Alex Sandro dos Santos. **A conversão de Dom José Brandão de Castro**: a ação social de mediadores religiosos na Diocese de Propriá-SE. 2004. 151f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPE, Recife.

FREAZA, Iza. Apesar da reação, Puebla vencerá. **Pasquim**, Rio de Janeiro, ano X, n. 502, p. 9-15, fev. 1979.

GOTAY, Samuel Silva. **O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)**. São Paulo: Paulinas, 1985.

HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LIBÂNIO, João Batista. **O que é pastoral**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MANIFESTO dos Bispos do Nordeste (Recife, 14 jul. 1966). In: CIRANO, Marcos (org.). **Os caminhos de Dom Hélder: perseguições e censura (1964-1980)**. Recife: Guararapes, 1983. p. 19-20.

MANIFESTO dos Bispos do Terceiro Mundo (15 ago. 1967). **Paz e Terra**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 205-215, abr. 1968.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. Ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

MEYER, Jean. **Historia de los Cristianos en América Latina (siglos XIX y XX)**. México: Jus, 1999.

MORAIS, João Francisco Régis de. **Os bispos e a política no Brasil: pensamento social da CNBB**. São Paulo: Cortez, 1982.

PACTO das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre (Roma, 16 nov. 1965). In: KLOPPENBURG, Boaventura (Org.). **Concílio Vaticano II (quarta sessão)**. Vol. V. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 526-528.

PERANI, Cláudio. A Igreja do Nordeste: breves notas histórico-críticas. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 94, p. 53-65, nov./dez. 1984.

PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor; DALE, Frei Romeu, OP. **As relações Igreja-Estado no Brasil durante o governo do General Médici, 1970-1974**. v. 3. São Paulo: Loyola/ CPV, 1987.

SERBIN, Kenneth. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Admar Mendes de. **Estado e Igreja Católica: o movimento social do Cristianismo de Libertação sob vigilância do DOPS/SP (1954-1974)**. 2009. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-123647/>. Acesso em 11 out. 2012.

THE HIERARCHY OF THE CATHOLIC CHURCH. Disponível em: <[http://www.catholic-hierarchy.org./](http://www.catholic-hierarchy.org/)>. Acesso em: 11 out. 2012.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos de sociologia compreensiva. v. 1. 3. ed. Brasília: UnB, 1994. p. 279-418.

ZILLES, Urbano. A missão profética dos cristãos. In: SEMANA DE REFLEXÃO TEOLÓGICA., 5., 1972, São Leopoldo. **Missão da Igreja no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1973.